

Uma biblioteca chamada Missal Romano – Parte II

Antifonário – o livro do cantor

JOÃO PAULO VELOSO

Na edição passada, começando pelo Sacramentário (o livro do presidente da celebração), iniciamos esta série de artigos sobre os livros litúrgicos que compõem essa biblioteca chamada Missal Romano (MR). Hoje falaremos sobre o livro litúrgico de um dos ministérios mais antigos presentes na Igreja, em todas as suas formas e ritos, tanto no Ocidente quanto no Oriente: o ministério do cantor.

De fato, como já abordamos, cada ministério litúrgico, no primeiro milênio, possuía o seu próprio livro, com o qual poderia desempenhar a sua participação ativa. Mas, se para o presidente da celebração um livro chamado “sacramentário” era suficiente, o mesmo não ocorria para o cantor, que não dispunha de apenas um livro, mas de vários, a depender do que se cantava.

Isso ocorre porque a celebração eucarística, em termos gerais, sempre pôde ser cantada em sua totalidade, desde a saudação até a despedida. Então, o presidente poderia cantar as partes que competiam a si, assim como o leitor poderia cantar as leituras, o diácono poderia cantar o Evangelho e a assembleia poderia cantar as partes fixas, como o Glória, o Creio, o Santo, o Pai-Nosso e o Cordeiro de Deus¹. A partir desses fatos, percebe-se como a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, que procurou favorecer a participação ativa dos fiéis, foi bem-sucedida em retornar ao modo celebrativo do primeiro milênio, no qual todo o povo poderia cantar aquilo que lhe cabia².

Dessa maneira, para cada tipo de canto ou agrupamento de cânticos havia um livro litúrgico diverso. No entanto, diferentemente



dos sacramentários, os livros relacionados ao canto não são anteriores ao século VIII. Esse fenômeno ocorre porque, até então, o canto era ensinado e executado de memória, e

os cantores possuíam uma relação discipulo-mestre. E justamente por isso os primeiros manuscritos não apresentavam notação musical, mas apenas o texto a ser cantado³, de forma que possuir um livro para o canto denotava a importância do texto em si, a potência econômica da comunidade que o havia mandado confeccionar, e, igualmente, oferecia um *status* superior para o próprio ministro⁴.

A tradição musical do rito romano, em sua forma mais antiga, foi atestada por seis desses livros de cantos, chamados antifonários, os quais continham: os textos que deveriam ser entoados durante o ingresso (antífona *introito*), a resposta ao gradual, a aclamação antes do Evangelho, o Ofertório e a Comunhão. Esse material, submetido a um minucioso estudo⁵, revelou que coexistia uma tradição genuinamente romana com uma tradição franco-germânica e que, eventualmente, estas se uniram, dando origem e forma ao que ficou conhecido como canto gregoriano.

Os diversos livros de canto na Idade Média

Para a celebração da missa, havia, durante a Idade Média, diversos tipos de livros litúrgicos destinados ao canto. Os principais eram⁶:

- Antifonários: sem notações musicais, continham, em sua maioria, as antífonas que acompanham as três procissões clássicas (entrada, ofertório e comunhão). Há

exemplares de manuscritos que agrupam o antifonário com o sacramentário;

- Graduais: agrupavam vários tipos de cantos a serem executados na celebração, como antifonas, aclamações e partes fixas. Os mais antigos apresentam o santoral e o temporal unidos; já os mais recentes apresentam os cantos dispostos em partes (temporal, próprio dos santos e comum);

- Cantatórios: continham as partes a serem executadas pelo solista ou pela escola dos cantores (responsório, trato, aleluia);

- Ofertoriais: continham as melodias dos cantos que acompanham o ofertório;

- Versiculários: continham os versículos que acompanhavam as antifonas do antifonário;

- Tropários: continham os tropos (acréscimos no início, meio ou fim de cada trecho musical dos diversos cantos, com exceção dos hinos);

- Sequenciários: continham o texto das sequências utilizadas ao longo do ano litúrgico⁷;

- Kyriales: continham as partes fixas da celebração (*Kyrie*, Glória, Credo, Santo, Pai-Nosso, Cordeiro), com notação musical. Com o passar do tempo, as várias melodias para cada uma das partes foram sendo agrupadas, de modo a criar um “tema musical” para determinado tipo de missa.

Essa variedade de livros para o canto na liturgia, será, a partir do advento dos missais plenários (século XI), cada vez mais rara, até que se chegará ao chamado período de decadência da música litúrgica, compreendendo do fim da Idade Média até o século XIX⁸. Neste ponto da história, há um renascimento do canto gregoriano, que se dá a partir do *Motu Proprio Tra le sollecitudini* (1903)⁹, do papa Pio X, que confiou aos monges da abadia de Solesmes a tarefa de trazer novamente à luz os livros do canto tradicional do rito romano. O fruto do trabalho desse monastério foi a publicação do *Kyriale* (1905) e do *Gradual* (1908). Alguns decênios depois, esses mesmos monges beneditinos publicaram o *Gradual Romano* (1974)¹⁰ e o *Gradual Simples* (1975)¹¹, livros oficiais de cantos do rito romano após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II.

O antifonário dentro do Missal Romano

Os cantores litúrgicos, hoje, dispõem de dois livros oficiais próprios para o desempenho do seu ministério. No entanto, o acesso a eles, no Brasil, ainda é muito limitado. Isso se deve sobretudo à carência de formação das

nossas comunidades sobre o canto gregoriano e à dificuldade de compreensão da língua latina, na qual tanto o *Gradual Romano* quanto o *Gradual Simples* são escritos. Ainda não há uma tradução oficial desse material para a língua portuguesa, apesar de existirem iniciativas de adaptação ao nosso idioma¹².

No entanto, dentro da 3ª edição típica do MR (2002/2008)¹³, há vários elementos que foram incorporados dos antigos antifonários e de outros livros destinados ao canto: nos formulários das diversas celebrações há antifonas próprias para o canto de entrada (*antifona ad introitum*) e para o canto de comunhão (*antifona ad communionem*). Essas antifonas, a rigor, não deveriam ser lidas pelo presidente da celebração, mas cantadas pelo coro ou pelo solista. Já as aclamações ao Evangelho não se encontram no MR, mas, sim, nos lecionários.

Com relação à musicalidade, essa edição típica do MR é bastante generosa, havendo notação musical para: 27 prefácios¹⁴; Saudação Inicial; Ato Penitencial (em suas três formas); *Kyrie*; Glória¹⁵; Creio¹⁶; diálogo do Prefácio; Santo¹⁷; o Mistério da Fé com sua aclamação (*Mortem tuam annuntiamus*); Doxologia (*Per ipsum*); e todas as orações e aclamações ditas em voz alta no Rito da Comunhão e no Rito conclusivo. Há, também, uma inteira seção dedicada ao canto das Orações Eucarísticas, com notações musicais para todas as quatro principais, em sua integralidade¹⁸.

Ademais, a edição traz, ainda, um apêndice com as notações musicais extras das várias partes do *ordo missae*, *contendo*: Saudação Inicial, Prefácio, Doxologia, Despedida e Bênção episcopal em tom simples. E, também: 19 tons, à escolha, do Glória, incluindo uma melodia do rito ambrosiano; 2 tons simples e um solene para as orações presidenciais; um tom simples e um tom solene para as Leituras¹⁹; 3 tons para os Evangelhos; um tom para a Oração dos Fiéis; um tom para o *Orate fratres*; mais 2 tons para o Pai-Nosso; um tom para o *Ecce Agnus Dei*; um tom simples e um solene para a Bênção Solene e para a Oração Sobre o Povo; e um tom para o Anúncio da Páscoa a ser feito na Epifania.

Além disso, no Próprio do Tempo, há a Antífona (*Hosanna filio David*) e o Convite da Procissão (*Imitemur, fratres carissimi*) do Domingo de Ramos; as Introduções da Oração Universal da Sexta-feira da Paixão; a Oração da Santa Cruz (*Ecce lignum Crucis*); o Acendimento e a Procissão do Círio Pascal

(*Lumen Christi*); o Precônio Pascal, nas formas longa e breve (*Exsultet iam angelica turba caelorum*); a Introdução da Liturgia Batismal, a Bênção da Água (seja ela batismal ou não) e a Antífona para Aspersão (*Vidi aquam egredientem de templo*), na Vigília Pascal; e a Bênção e Procissão das Velas (*Lumen ad revelationem gentium*) na Festa da Apresentação do Senhor.

Sem notação musical, há os cantos da Procissão de Domingo de Ramos (*Psalmus 23, Psalmus 46, Hymnus ad Christum Regem*); as Antífonas próprias para a Lava-Pês; as Antífonas próprias para a Procissão das Ofertas na Quinta-Feira Santa; os *Improperia* e o Hino para a Adoração da Santa Cruz; e a Ladainha de Todos os Santos na Vigília Pascal.

Ainda que o atual rito romano não conheça uma forma específica de Missa chamada “solene”²⁰, uma análise criteriosa do MR a partir da presença das notações musicais em todas as solenidades e algumas festas nos leva a inferir que o que garante a “solenidade” para a Missa não são as vestes, ornamentos e incenso²¹, mas, sim, o canto em todas as suas partes, ou ao menos na maior parte da celebração.

Pe. João Paulo Veloso, presbítero, incardinado na Arquidiocese de Palmas-TO. É jornalista e mestre em Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico (Roma 2020).
E-mail: contato@padreveloso.com

¹ Cf. INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, n. 30-41. In: INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília, DF: Edições CNBB, 2008.

² Cf. WITCZAK, Michael; -NOCENT, Adrien; SARTORE, Domenico; JONCAS, Jan Michael. L'ordo missae di Paulo VI. In: PONTIFICIO ISTITUTO LITURGICO SANT'ANSELMO (ed.); CHUPUNGO, Anscar J. (dir.). *Scientia Liturgica*. Casale Monferrato: Piemme, 1998. v. III, p. 221-260.

³ Os primeiros livros com notações musicais surgem a partir do século IX. Cf. FOLSOM, Cassian. I libri liturgici romani. In: PONTIFICIO ISTITUTO LITURGICO SANT'ANSELMO (ed.); CHUPUNGO, Anscar J. (dir.). *Scientia Liturgica*. Casale Monferrato: Piemme, 1998. v. I, p. 278-282.

⁴ Cf. BAROFFIO, Giacomo. I libri per il canto: una pluralità di generi per una diversità di ministri. *Rivista Liturgica*, Camaldoli, v. 101, n. 03, p. 523-546, 2014.

⁵ Cf. HESBERT, René-Jean. *Antiphonarum missarum sextuplex*. Roma: Herder, 1935.

⁶ Essa classificação, aqui em versão resumida, foi apresentada por G. Baroffio, em artigo já citado (p. 530-538).

⁷ Se na baixa Idade Média praticamente cada missa tinha sua própria sequência, a reforma do Concílio de Trento, no século XVI, reduziu o seu número para 5. A reforma do Concílio Vaticano II tornou obrigatória apenas as sequências de Páscoa e de Pentecostes, e manteve como

facultativas as sequências de *Corpus Christi* e de Nossa Senhora das Dores. No entanto, nenhuma se encontra no Missal Romano, mas sim no Lecionário. Cf. INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, op. cit., n. 64.

⁸ Cf. FOLSOM, op. cit., p. 282.

⁹ PIO X. *Motu Proprio Tra le sollecitudini* (22 de novembro de 1903). In: PIAZZESI, Victorii (ed.). *Acta Sanctae Sedis*. Romae: Typographia Polyglotta, 1903. v. XXXVI: 1903-1904, p. 329-339.

¹⁰ GRADUALE sacrosanctae romanae ecclesiae de tempore et de sanctis: primum sancti Pii X iussu restitutum et editum, Pauli VI pontificis maximi cura nunc recognitum, ad exemplar “ordinis cantus missae” dispositum et rhythmicis signis a Solesmensibus monachis diligenter ornatum. Solesmes: Abbaye Saint-Pierre De Solesmes, 1974.

¹¹ GRADUALE simplex in usum minorum ecclesiarum. Editio typica altera. Città del Vaticano: LEV, 1975.

¹² Um exemplo disso são as antífonas dos Domingos do Tempo Comum presentes no hinário litúrgico da CNBB (mas não como canto gregoriano, e sim como melodia da música moderna brasileira). Também digno de nota é o trabalho realizado pelos monges do Mosteiro da Ressurreição de Ponta Grossa, com a recente conclusão de seu Gradual Monástico, em 2020 (cf. SILVA, Jerônimo Pereira. Reforma litúrgica no ambiente monástico beneditino no Brasil. In: PARO, Thiago Faccini. *Atualização litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2021. v. 4, pp. 159-208).

¹³ MISSALE Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum Ioannis Pauli PP. II cura recognitum. Editio typica tertia. Città del Vaticano: Typis Vaticanis, 2008.

¹⁴ *De Christo luce, De maternitate beatae Mariae Virginis, De Christo lumine gentium, De Baptismate Domini, De dominica Passione, De sacerdotio Christi et de ministerio sacerdotum, De sacrificio et de sacramento Christi, De mysterio paschali, De mysterio Ascensionis, De mysterio Pentecostes, De mysterio Sanctissimae Trinitatis, De fructibus Ss. mae Eucharistiae, De immensa caritate Christi, De Christo universorum Rege, De mysterio Praesentationis Domini, De missione sancti Ioseph, De mysterio Incarnationis, De missione Praecursoris, De duplici missione Petri et Pauli in Ecclesia, De mysterio Transfigurationis, De gloria Mariae Assumptae, De victoria crucis gloriosae, De gloria matris nostrae Ierusalem, De mysterio Mariae et Ecclesiae, De mysterio templi Dei quod est Ecclesia, De mysterio templi Dei, Altare ipse est Christus.*

¹⁵ Para o Glória, o MR apresenta 5 tons para a primeira frase (*Gloria in excelsis Deo*), a depender da missa celebrada, e indica o Gradual Romano para a notação musical completa do hino.

¹⁶ Para o Creio, o MR apresenta 2 tons para a primeira frase (*Credo in unum Deum*) e indica o Gradual Romano para a notação musical completa da oração.

¹⁷ Apresenta apenas uma melodia e remete ao Gradual Romano para outras melodias.

¹⁸ No caso da Oração Eucarística I, há dois tons: o normal e o mais solene.

¹⁹ Agrupadas em Antigo Testamento e Atos dos Apóstolos; Novo Testamento e Apocalipse.

²⁰ O atual rito romano conhece as seguintes formas de celebração: Missa com o Povo (com ou sem diácono); Missa Concelebrada; Missa com Assistência de um só Ministro. Cf. INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, op. cit., cap. IV.

²¹ Ainda que a CNBB tenha facultado aos sacerdotes brasileiros o uso apenas da estola, a casula continua sendo a veste própria dos sacerdotes em todas as formas de celebração da Missa (cf. INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, op. cit., n. 337). No que se refere ao incenso, ele também pode ser usado em toda e qualquer celebração eucarística (cf. Ibid., n. 276).a



Rito da Comunhão:

por uma mistagogia das núpcias do Cordeiro

MARCIO PIMENTAL

Eucaristia como *banquete nupcial*

A teologia patrística não é um bloco homogêneo, mas um verdadeiro complexo teórico-pastoral, quer dizer, um conjunto muito variado de ideias e conceitos sobre a práxis sacramental que nasce da experiência de assembleias concretas. Ao lado de verbos como *convenire*, *congregare*, *celebrare* e *frequentare*, os padres também tratam a assembleia eucarística com o verbo *coire* ou com o substantivo *coitio*¹, escolha que nos parece bastante sugestiva, e isso por inúmeras razões. *Co-ire* significa, literalmente, “ir juntos” (*cum + ire*) e, também, “encontrar”, “reunir”. É daí que vem o termo *coetus*, que indica “grupo” ou “assembleia”. O que achamos interessante no verbo *coire* é o fato de que, aplicando-o à eucaristia, se vá, semanticamente, além do movimento relativo ao congregar-se ou reunir-se e se implique, também, um certo envolvimento afetivo e uma prática intersubjetiva.

É muito significativo, além disso, que, aplicando o verbo *coire* à eucaristia, estabeleça-se

uma relação direta com o aspecto convivial, ou seja, de a missa ser um banquete, mais precisamente a ceia do cordeiro. Mais ainda, de ser um banquete nupcial, como nos recorda o missal brasileiro, em consonância com a referência bíblica de Ap 19,9. A Eucaristia é, de fato, um casamento no qual o Esposo e a Esposa se fazem um só. Sem medo ou vergonha de uma possível parentela com o significado erótico, é prazeroso pensarmos a celebração eucarística como um povo que realiza uma união, um matrimônio espiritual, que tem como característica o pacto ou a associação – núpcias – com Cristo, vivida como relação entre o Amante (Cristo) e a Amada (a Igreja). Isso certamente traz consequências teológico-litúrgicas e pastorais de grande peso, se pensarmos que antes do Concílio e de sua reforma litúrgica, a comunhão dos fiéis não era o horizonte normal para o qual se encaminhava a celebração. Conforme Pio XII estipulava na encíclica *Mediator Dei* (MD), recomendava-se que os fiéis pudessem aceder à comunhão eucarística (MD 103), no entanto,

para que houvesse sacrifício, sendo exigida a comunhão, bastaria que o “ministro sacrificante” consumisse a oferta (tb. MD 100-101).

Esse raciocínio, motivado tanto por uma prática ritual na qual os fiéis já não se apresentavam para a comunhão, quanto por uma mentalidade jurídica (era lícito? era válido), já não tem lugar com a renovação conciliar postulada pela Constituição *Sacrosanctum Concilium*, que afirma a necessidade de recuperar-se todo o esplendor da comunhão, admitindo os fiéis à antiga forma ritual das “duas espécies” (SC 55)². A mudança de perspectiva é notória: enquanto no pré-concílio se acentua não ser necessária a comunhão dos fiéis, embora ela seja vivamente recomendada para que o sacrifício seja íntegro, o Concílio insiste que o sacrifício eucarístico atinge a plena eficácia pastoral tendo em vista a participação do povo (SC 49); e, para isso, se recuperou o conceito de participação perfeita ao sacrifício, a qual, sendo antes necessária apenas ao ministro, agora deveria ser estimulada a todo o povo. Com isso, ainda, torna-se à habitual comunhão dos fiéis dentro da Missa, já que, antes, ela poderia ser feita, comumente, noutra ocasião – uma vez que não era necessária para a integridade do sacrifício. Sem, portanto, condenar o hábito, seja da missa privada ou da comunhão solitária do ministro – motivação que guiava Trento em suas disposições a respeito da comunhão eucarística –, os padres conciliares se preocupam em voltar à tradição mais antiga que considerava a integridade da missa relativa ao sacrifício e ao banquete simultaneamente, o que exigia a participação à comunhão não só do ministro, mas da assembleia celebrante. Voltava-se, dessa forma, àquilo que o *Ordo Romanus I* previa (porque, em primeiro lugar, registrava como costume): “Todo o povo faz a comunhão”.³ Conforme comenta Luigi Girardi, se tratava, no mínimo, de voltar à regra – a comunhão dos fiéis – sem desconsiderar a possibilidade de alguma exceção⁴.

O rito da comunhão é, portanto, dentro do fluxo da celebração da eucaristia na forma ritual conciliar – *única expressão da lex orandi da Igreja latina* –, o “leito nupcial” do Esposo e da Esposa, lugar onde o matrimônio contrai-se e consuma: a comunhão no único Corpo de Cristo. Nos termos de Cesário de Arles, o banquete nupcial ao qual somos convidados celebra o conúbio, a aliança matrimonial entre o divino e o humano, entre o Verbo e a carne, respectivamente esposo e esposa reconhecíveis em Cristo e sua Igreja⁵.

A Oração do Senhor e o rito da paz: a consumação do amor nupcial

À “mesa sagrada”⁶ orientados, a assembleia cultural chega ao seu ápice. É a “liturgia Eucarística”, sobretudo, a garantir que o altar seja de fato o centro para o qual tende a atenção dos fiéis (cf. IGMR 73.296.299)⁷. É no jogo “proxêmico”⁸ e “cinésico”⁹ dos ritos processionais do ofertório e da comunhão que a eucaristia, como eixo da vida cristã, deixa de ser um conceito ou doutrina e passa à perfeição dos fatos. É na “performance ritual” do Cristo total, da Igreja celebrante em sua diversidade de vocações, ministérios e dons, que é forjada a unidade sacramental entre o Esposo e a Esposa. O Pai infunde o Espírito de seu Filho nos fiéis, congregados e a Ele (o Pai) orientados, para que sejam – o Esposo e a Esposa – um só coração, um só espírito, uma só carne e vivam desse amor sponsal. O rito de comunhão é, por assim dizer, a consumação do ato conjugal entre a Cristo e a Igreja. Deixando-nos guiar pela poética da trama ritual que conjuga significados e sentidos, adentramos na crueza e pureza da metáfora nupcial. Nas palavras de Guilherme d’Auvergne:

Pegar esta comida se diz, usualmente, «fazer a comunhão». «Comunhão» é aquele amor que, sim, faz com que tudo aquilo que pertence aos amantes seja comum, entenda-se, sejam as coisas boas e as ruins. Um, de fato, sustenta o peso do outro. [...] O amor, por isso, é comunhão e fazer verdadeiramente a comunhão é amar.¹⁰

A porta do quarto nupcial se abre com uma prece, que é já expressão da intimidade conjugal entre Cristo e a Igreja, porque esta última não se atreve a orar ao Pai em seus próprios termos. A oração surge como um beijo trocado entre os esposos. A esposa, a Igreja, na forma concreta da assembleia celebrante, já havia saudado, nos ritos iniciais, o Cristo-Altar e, depois, o Cristo-Evangelho, mediante o beijo de seus ministros. No ritmo dos ritos de comunhão, encaminha-se para beijá-lo, mais uma vez, no rito da Paz, agora reconhecendo-o nos irmãos e irmãs congregados no Cristo-Igreja.

A oração do Pai-Nosso abre essa seção ritual da eucaristia situando toda a assembleia na dinâmica amorosa que o Pai do Céu instituiu em seu Filho. Conforme antiga tradição, os fiéis, todos de mãos levantadas e estendidas em postura sacerdotal – como recomendava Tertuliano –, oram, assumindo a paixão de Jesus – manifestação maior de seu amor sponsal. Tertuliano diz que é a paixão a dar o

modelo postural do fiel orante na assembleia¹¹. Não são, portanto, seus afetos particulares e privados, mas os sentimentos de Cristo Jesus, como ensina Fl 2.

A oração do Senhor é um passo indispensável na manifestação daquela associação e identificação do fiel batizado em Cristo. Ali, a união conjugal entre o Esposo e a Esposa consuma-se, já que o rito lhes permite fundir-se em uma só carne. Rezando a mesma oração de Cristo, Ele e a Igreja tornam-se um só. É importante notar que Cristo é imagem perfeita do Deus da Aliança que se manifestou no Antigo Testamento desposando Israel. O que se deu, portanto, com Israel cumpre-se na Igreja na mediação de Cristo, o que se consegue pela participação em seus gestos, que estão disponíveis na forma ritual da eucaristia. Há uma tendência, hoje, por parte de alguns que se acham entendidos em matéria litúrgica, de instruir os fiéis a não erguer os braços e nem espalmar as mãos em atitude sacerdotal no momento do Pai-Nosso. É um grande desserviço à Igreja e não devem ser ouvidos. A tradição antiga, como vimos acima, recomenda a postura indicada, que unifica a assembleia e seus ministros na oração comum que é o Pai-Nosso. O Missal italiano, inclusive, em suas “*Precisazioni*”, orientações da Conferência Episcopal nacional (CEI), adota e estimula esse gesto para a assembleia explicitamente. Já tendo o coração voltado aos Céus (oração eucarística), todo o Corpo Eclesial agora se volta, com os braços levantados e com as mãos espalmadas, àquele a quem se dirige a prece quando se está ao altar: o Pai¹².

No fluxo dos ritos da tradição romana, essa prece dominical nos leva ao beijo da paz. Tertuliano considera o rito da paz como selo (*signaculum*) da oração¹³. Para ele, o beijo da paz é a conclusão habitual e necessária à perfeição da prece eclesial¹⁴, algo que se omite apenas na Sexta-Feira Santa, que, na expressão de Ione Buyst, é a “Páscoa da cruz”, como pensava Tertuliano, e é dia dedicado ao jejum. A questão mais candente é o que fazermos durante a pandemia. Muito facilmente esse rito que conjuga concretamente o amor a Deus e ao próximo numa só ação sacramental foi omitido. Embora as razões sanitárias sejam suficientes para interrogar-se, não o são para excluí-lo, ainda que temporariamente. Excepcionalmente, o gesto poderia ter sido simplesmente modificado (como o foi na sua história, pois a sua origem não fala de “abraço da paz”, mas de “ósculo”). A experiência, em algumas comunidades, tem sido a de mantê-lo

entre familiares que estão presentes na mesma celebração e que convivem. Mas esse rito põe em evidência o vínculo amoroso da comunidade inteira, a nova família do fiel batizado. Nesse sentido, em alguns lugares solicita-se que os fiéis ao menos troquem olhares de carinho, reconhecimento e paz e/ou façam uma saudação com vênias profunda uns aos outros. Embora não se consiga a eloquência do gesto de beijar ou abraçar, na qual toda a corporeidade se envolve quando se dá o pele-a-pele dos irmãos e irmãs, ao menos não se perde esse venerável costume eclesial muito valorizado desde as origens do cristianismo e que dá forma à fé. Simplesmente omiti-lo na Eucaristia, ao contrário, “deforma” a fé eclesial e pascal, que é uma relação amorosa e sponsal com o Senhor, algo que se exprime e que é experimentado no amor dos irmãos e irmãs (cf. 1Jo 3,14).

A fração do pão e a comunhão

Conforme alude Crispino Valenziano, a consumação de toda a reunião eucarística, da sinaxe eclesial, se dá na comunhão sacramental propriamente dita¹⁵. Como dissemos no início, é uma conquista do Concílio mediante sua reforma litúrgica devolver às nossas assembleias a possibilidade de comungar – via de regra – na própria celebração eucarística da qual toma parte. Essa comunhão sacramental, no entanto, não se reduz à ação relativa à recepção da hóstia e ao nutrimento espiritual. Está conjugada com a dimensão convivial de ser – a eucaristia – um baquete ritual. A dimensão convivial é adequadamente introduzida nos ritos de comunhão pela oração comum do Pai-Nosso e por sua conclusão, que é o rito da Paz. Agora, com o Concílio, dá-se um passo no fluxo cerimonial, tanto com a fração do Pão como com o canto da Esposa ao Esposo, enquanto este, numa leitura alegórica, para dar-se, aceita sofrer a violência de ter o corpo ferido e seus despojos repartidos por amor dos seus, gesto que o partir do pão evoca.

Enquanto o pão rompe-se nas mãos do ministro, a inteira assembleia participa do rito com uma ladainha: o Cordeiro de Deus. Aqui há algo importante a se dizer sobre a forma musical e sobre o modo, não só correto, mas, sobretudo, coerente, de executá-lo. Certamente muitas comunidades ainda usam o subgênero musical da canção nesse momento, e, em alguns casos, com paráfrases e complementos no texto. Lembro-me de

um canto, ainda da minha adolescência, de autoria do Pe. Zezinho: “Ó Cordeiro de Deus, ó Cordeiro de Deus, ó Cordeiro de Deus. Morreste por causa de nós, foste imolado em nosso lugar. Por isso tende piedade, tende piedade, piedade de nós...”. Não serve. O rito é despojado e simples, mas não pouco rico e complexo. Assim o normatiza a Instrução Geral do Missal Romano, n. 83: enquanto um ministro (sozinho ou ajudado por outros) aos olhos da assembleia parte o pão que a ela será dado em comunhão, um outro ministro (cantor/a no caso – pode ser também em dueto o coro) propõe a invocação “Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo” ao qual todo o povo responde: “Tende piedade de nós”. O faz tantas vezes seja necessário até que acabe a fração, quando a resposta conclusiva será “Dai-nos a paz”¹⁶. E aqui cabe uma pergunta sobre a incoerente anotação da terceira edição da Instrução Geral, ao dizer: “A fracção começa depois de se dar a paz e realiza-se com a devida reverência, mas não se deve prolongar desnecessariamente nem se lhe deve atribuir uma importância excessiva.” (IGMR 83)¹⁷. Como se pode falar em “importância excessiva” do rito que deu nome à própria celebração eucarística? Talvez isso se justifique apenas por uma outra incoerência, o mau hábito de transformar a exceção em regra: dar a comunhão ao povo com o pão consagrado reservado no sacrário, cuja destinação são os enfermos e o culto eucarístico fora da Missa.

Finalmente, a distribuição da comunhão que, como aludimos acima, não costa apenas de receber o pão consagrado, mas de experimentar o vínculo com o Senhor na mediação da assembleia em procissão rumo ao altar. A primeira observação da IGMR, n. 84, sobre a comunhão é que os fiéis façam a comunhão mediante o pão consagrado na celebração em que participam. Ao sacrário recorre-se apenas se, por acaso, faltarem hóstias consagradas na mesma missa. Em seguida, o documento indica a possibilidade da comunhão também no cálice. A comunhão se faz não só pela recepção da hóstia, como dissemos, mas é um complexo linguístico que envolve o unir-se processionalmente em direção ao altar e o canto. Este deve começar quando aquele que preside comunica e terminar depois que o último fiel participe da Mesa-Altar. Não é bom que os cantores comunhem antes, simplesmente porque privará os fiéis do canto no início do rito. Se for um grupo, seus integrantes podem, co-

modamente – diz a Instrução –, escolher um momento e alternar-se. Se for uma pessoa apenas a animar o canto da assembleia, ela pode se dirigir por último à comunhão, enquanto o povo canta o refrão ou a antífona. Uma última reflexão se faz necessária, ainda que brevemente: o lugar da comunhão. Os estudos não nos deixam dúvida de que a comunhão, no rito latino, era feita ao altar ou, pelo menos, no recinto do altar. Enrico Mazza, exímio estudioso da eucaristia, nos informa sobre o Concílio de Tours, em que se fazia menção do venerável costume que não podia ser abandonado, qual seja, de os fiéis serem admitidos ao altar durante o rito da comunhão¹⁸. É algo, sem dúvida, que devemos reaprender.

¹ BORSOTTI, Emmanuele (curatore). *Um solo corpo. Mistagogia della liturgia eucaristica attraverso i testi dei padri latini*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2016, p. 143-144.

² CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

³ BORSOTTI, Emmanuelle, *Uno solo corpo*, p.1140.

⁴ Cf. GIRARDI, Luigi. *Sacrosanctum Concilium – Commento*. In: NOCETI, Serena, REPOLE, Roberto (ed.). *Commentario ai documenti del Vaticano II*. Bologna: EDB, 2014, Vol I: *Sacrosanctum Concilium – Inter Mirifica*, p.190.

⁵ Cf. Cesário de Arles. *Discursos* 188, 2-6. In: BORSOTTI, Emmanuelle, *Uno solo corpo*, p.1520.

⁶ Cf. Leão Magno. *Discursos* 91,3. In: BORSOTTI, Emmanuelle, *Uno solo corpo*, p.1511.

⁷ INSTRUÇÃO geral do Missal Romano e introdução ao Lecionário: texto oficial. 4. ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2012.

⁸ Com este termo nos referimos à relação de proximidade e distância das pessoas entre si e em relação ao ambiente em que se encontram e aos objetos com o qual interagem.

⁹ Relativo ao movimento e à linguagem corporal.

¹⁰ Guilherme d’Auvergne. *Discursos para os tempos litúrgicos* 172, ll. 10-21. In: BORSOTTI, Emmanuelle, *Uno solo Corpo*, p. 1539.

¹¹ Cf. Tertuliano. *De Oratione* 1,14. In: *Antologia Litúrgica: textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003. p. 202.

¹² Cf. RORDORF, Willy. *Les gestes de la prière d’après Tertullien et Origène*. In: *GESTES et paroles dans les diverses familles liturgiques*. Conférences Saint-Serge – XXIVa Semaine d’Etudes Liturgiques. Roma: CLV, 1978. p. 200.

¹³ Tertuliano, op. cit., 1,18.

¹⁴ Cf. DI NAPOLI, Giovanni. *La prima sostanziale metamorfosi del bacio di pace*. Rivista Litúrgica, Camaldoli, v. 101, p. 688, 2014.

¹⁵ Cf. VALENZIANO, Crispino. *L’anello della Sposa: mistagogia eucaristica: modulazione circolare del rito*. Roma: CLV, 2005. p. 199.

¹⁶ INSTRUÇÃO geral do Missal Romano e introdução ao Lecionário, op. cit.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ MAZZA, Enrico. *Rendere Grazie*. Miscellanea eucaristica per il 70º compendio. Bologna: EDB, 2010, p. 412-413.



A celebração do escrutínio do 4º Domingo da Quaresma

JOÃO MELO

O Concílio Vaticano II recorda que a Quaresma é tempo de penitência, mas também de *memória* e *preparação* do batismo¹. Por isso, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* pede que “acentuem-se os aspectos batismais da liturgia quaresmal, resgatando alguns elementos tradicionais, que foram abandonados”².

Assim, na reforma litúrgica, foram retomados, no Lecionário Dominical, na Quaresma do ano A, os grandes temas batismais “que tinham sido transferidos para os dias feriais (o encontro de Jesus com a samaritana; a cura do cego de nascença; a ressurreição de Lázaro)”³. Os escrutínios repropostos pelo *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA) no Tempo de Purificação (liturgia penitencial), ou da Iluminação (liturgia batismal), que ocorrem na quaresma⁴, resgatam e articulam as dimensões *penitencial* e *batismal* desse tempo litúrgico.

Quaresma: tempo de escrutínios

A palavra escrutínio provém do latim e pode significar “exame atento, minucioso” ou “perceber o sentido mais profundo”⁵. No RICA, dá-se esse nome aos ritos peni-

tenciais próprios do Tempo de Iluminação, realizados no caminho de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, nos 3^{os}, 4^{os} e 5^{os} Domingos da Quaresma, ocasiões em que é sugerido tomar sempre as leituras do Ano A⁶.

São seus destinatários os adultos e jovens catecúmenos⁷, mas, para além deles, a Quaresma tem se revelado “tempo próprio para celebrar os ritos penitenciais correspondentes aos escrutínios para as crianças ainda não batizadas, que chegaram à idade adequada para a instrução catequética, e para as crianças há tempo batizadas, antes que sejam admitidas pela primeira vez ao sacramento da penitência”⁸.

A comunidade é convidada a participar e interceder pelos catecúmenos e catequistas. O RICA indica que um presbítero ou diácono presida essas celebrações⁹, mas a CNBB já propôs um roteiro presidido por um coordenador¹⁰, visto que as circunstâncias nem sempre permitem a presença de ministros ordenados.

Os escrutínios, celebrados nos 3^{os}, 4^{os} e 5^{os} Domingos da Quaresma, possuem a mesma estrutura:

- Proclamação da Palavra e homilia;

- Oração em silêncio;
- Preces;
- Exorcismo;
- Despedida;
- Liturgia eucarística.

Analisaremos o 2º escrutínio, do 4º Domingo da Quaresma, segundo o ano A, cujas leituras são 1Samuel 16,1b.6-7.10-13a; Salmo 23(22),1-2.3b-4.5-6; Efésios 5,8-14; João 9,1-41¹¹.

1ª Leitura: O Senhor olha o coração

O povo conhece práticas rituais para “afastar mal olhado”. Desde benzeções, banhos de ervas, chás de plantas, ter objetos sagrados, tudo para eliminar o “quebranto”. O contrário do “mal olhado” é um “bom olhado”, isto é, ter uma *visão bendita* (Mt 5,8). Mas, um olhar bendito requer um percurso *purificador* e de *iluminação* para tirar a trave do próprio olho, antes de poder alertar os demais sobre o seu mal olhado (Mt 7,5). *Purificar* e *iluminar* o olhar requer *discernimento*. O olhar bendito provém de Deus, enquanto o olhar maldito – mal olhado – provém daquilo que nos desumaniza e nos torna refém de nossas feridas. Desse mal, o Senhor Jesus deseja nos exorcizar.

O jovem Davi, ungido de Deus por Samuel (1Sm 16,1-13), não era o primogênito (1Sm 16,11), nem o mais forte dos filhos de Jessé (1Sm 16,7), mas nem por isso escapou do “mal olhado” do rei Saul, que o invejava profundamente (1Sm 18,6-15). A palavra inveja, do latim, *invidia-ae* significa desejo de possuir o bem alheio, tristeza pela felicidade ou prosperidade do outro¹².

De fato, é Deus quem toma a iniciativa na escolha de Davi como rei. Embora aos olhos humanos Davi fosse o menos indicado para a unção, o Senhor o escolhe porque a eleição de Deus não opera a partir da lógica da meritocracia¹³. O 2º escrutínio ajuda o iniciando a dar-se conta da gratuidade eletiva de Deus em sua vida e a implorar a graça e a força de correspondê-la. Por essa razão, os escrutínios também são chamados de ritos de *fortalecimento*.

O Senhor olha o coração, Ele não tem um olhar superficial, pelas aparências (1Sm 16,7), mas conhece com profundidade amorosa. Nos escrutínios, segundo Micheletti, “Deus, por meio da Igreja, perscruta o coração a fim de purificá-lo e dispô-lo à

nova realidade que se inicia no Batismo”¹⁴. Ser escrutinado é ser olhado amorosamente pelo Senhor que nos elege a si pelo vínculo batismal.

Salmo: Desmascarar à vista do inimigo

No Salmo 23(22), o iniciando é chamado a confiar que é o Senhor quem conduz e encaminha (Sl 22[23],1-2), mesmo no enfrentamento dos caminhos que levam por um vale de sombra e de morte (Sl 22[23],4). O caminho de sombra torna-se itinerário de *iluminação*, onde, frente a frente com a realidade tenebrosa, é possível enxergá-la claramente, conhecendo-a com a consciência, para que seja exorcizada. O que não é reconhecido e assumido não pode ser iluminado e remido pelo Cristo. A liturgia quaresmal do 2º escrutínio conduz ao *discernimento* para trazer a lume e “pôr as cartas sobre a mesa”, bem à vista do inimigo (Sl 23,5). Do contrário, se o inimigo não estiver à vista, é porque está às escuras, escondido e ainda entranhado. O salmo reza a passagem do temor à confiança, do medo à fé de que o Senhor restaura as nossas forças, nos leva a descansar nos prados e campinas verdejantes, derrama sobre nós o óleo do seu amor e faz de nós sinais de salvação para todos.

2ª Leitura: Viver como filhos da luz

O 2º escrutínio implora ao Senhor a graça do *discernimento* do que agrada a Deus (Ef 5,10), para que o iniciando tenha suficiente conhecimento de si e *consciência* da realidade das obras das trevas (Ef 5,11) e, desmascarando-as (Ef 5,11) através do processo de trazê-las à luz (Ef 5,13), morra para o pecado (Ef 5,14), a fim de tornar-se filho da luz (Ef 5,8) pelo Batismo. Tudo isso supõe um processo. O rito do escrutínio faz parte de um caminho de *iluminação* progressiva e paulatina. Esse processo de reflexão, oração, discernimento e exame de consciência deve ser contínuo, supondo um antes e um depois do rito.

De acordo com um dos roteiros homiléticos publicados pela CNBB, Ef 5,14 “parece ser um fragmento de um hino batismal, exortando a quem dorme na morte que acorde para contemplar a luz de Cristo ressuscitado”¹⁵. Essa exortação é particularmente significativa aos iniciandos que, durante

o ritual do escrutínio, são exortados, nas palavras do RICA, “a manifestar pela atitude do corpo seu espírito de penitência”¹⁶ e são exorcizados para “tornarem-se para sempre filhos da luz”¹⁷. De fato, conforme as orientações para celebrações de iniciação para a vida cristã, publicadas pelo Núcleo de Catequese Paulinas, “os escrutínios são exorcismos que preparam os eleitos para ser assumidos pelo Espírito que lhes outorgará a adoção filial”¹⁸.

Evangelho: parábola da iluminação batismal

Jesus manda o cego lavar-se em uma piscina chamada Siloé, que significa “Enviado” (Jo 9,7). “Enviado”, segundo o próprio evangelista, é o apelido legítimo de Jesus (Jo 16,5). Esse fato aponta para um dos sentidos mais profundos da passagem: quem mergulha no “Enviado” recupera a visão bendita. A origem da palavra batismo é mergulhar. Quem mergulha em Cristo, o “Enviado” do Pai, renasce para uma vida nova. Citando, novamente, um roteiro homilético publicados pela CNBB: “A ritualidade de Jesus com sua própria saliva, fazer barro e ungir os olhos e o convidar a lavar-se na piscina de Siloé (Jo 9,6-7), evoca a ritualidade dos termos ungir e lavar que foram usados, mais tarde, para designar a fonte batismal cristã, revelando que se lê a ação de Jesus através dos ritos de iniciação cristã de uma comunidade”¹⁹.

Segundo o texto de outro roteiro publicado pela instituição: “A unção mudou a vida de Davi; a cura mudou a vida do cego; o Batismo mudou e pode mudar a vida dos cristãos”²⁰. De fato, ainda de acordo com a publicação, “no Batismo, de que a água da fonte de Siloé é figura, recebemos a luz que nos faz filhos e filhas de Deus e somos ‘iluminados’”²¹. Gradualmente o cego vai crescendo no conhecimento de Jesus, até a profissão de fé de que Ele é o “Senhor” (Jo 9,38). Conforme explica o roteiro: “Na experiência do cego, essa evolução coincide com o processo de iniciação no caminho de Jesus. São os passos do catecúmeno em direção à fé”²².

Silêncio e Preces

Na preparação para os escrutínios, o iniciando conta com a ajuda da comunidade

de fé, a Igreja²³, de seus catequistas, do presbítero e, particularmente, do introdutor, que o acompanhará passo a passo²⁴. Nas celebrações dos escrutínios, segundo o RICA, depois da homilia, os iniciandos põem-se de pé com seus padrinhos e madrinhas, diante de quem preside, que, se dirigindo a toda a assembleia reunida, convida-os a um momento de oração em silêncio em favor dos iniciandos, “implorando o espírito de penitência, a consciência do pecado e a verdadeira liberdade dos filhos de Deus”²⁵ e invocando sobre os que se preparam para receber os sacramentos da iniciação, a graça de Deus que tudo ilumina. Os iniciandos igualmente são convidados a orar em silêncio, de cabeça baixa ou se colocando de joelhos. Depois de um tempo, os padrinhos e as madrinhas colocam a mão direita sobre o ombro de cada iniciando e prossegue-se a oração em forma de prece universal²⁶.

Após o convite à oração, o texto do RICA, no n. 170, apresenta oito preces, sendo que quatro delas são dirigidas a Deus Pai, pedindo pela iluminação dos iniciandos. A quinta prece é dirigida a Cristo, “Aquele que tira o pecado do mundo”, e a sexta prece é dirigida ao Espírito Santo, ambas ainda em benefício dos iniciandos. Por fim, a sétima prece roga pela comunidade de fé, para que seja “em Cristo luz do mundo”, e a última prece pede pelo mundo inteiro. Com as preces pelos iniciandos, a comunidade de fé se coloca no caminho da passagem das trevas para a luz, fazendo-se toda ela catecúmena, deixando-se iluminar pelo Cristo e por seu Espírito, confessando as próprias cegueiras, miopias e mal olhados para retomar o propósito da conversão e do amor concreto como exigência batismal²⁷. A prece pelos iniciandos é concluída com o exorcismo.

Exorcismo

A palavra “exorcismo” provém do latim *exorcismus*, que significa “exortar com força”²⁸. Os “exorcismos menores”²⁹ que compõem a estrutura ritual dos escrutínios não têm nada de assustador ou hollywoodiano, antes, tratam-se de gestos que levam o iniciando a perceber que a iluminação é iniciativa divina que o quer envolver por completo, não sobrando espaço afetivo para o mal.

A oração de exorcismo do 2º escrutínio³⁰, em sua primeira parte, dirige-se a Deus Pai, recorda a cura do cego de nascença e suplica

a libertação dos iniciandos de toda cegueira, para que se tornem *filhos da luz* (Ef 5,8). Após um breve silêncio e o gesto de imposição de mãos que evoca o derramamento do Espírito, a segunda parte do exorcismo é dirigida ao “Senhor Jesus”. Nesta, depois de apresentar o ser humano em sua fragilidade existencial, suplica-se que seja subjugado o pai da mentira, pelo derramamento do Espírito da verdade, para que se chegue à alegria da visão bendita, isto é, à luz que é Cristo³¹. Ao término do exorcismo, pode-se cantar um salmo e seguem-se a despedida dos iniciandos e a celebração da Eucaristia.

Despedida

A despedida dos iniciandos é parte integrante do rito dos escrutínios. A insistência na despedida antes da liturgia eucarística é parte da pedagogia quaresmal de iniciação à vida cristã, que conserva sua característica processual e mistagógica, ou seja, que permite pouco a pouco saborear internamente os mistérios celebrados pelos ritos litúrgicos. A iniciação eucarística terá lugar depois, na Vigília Pascal, quando os iniciandos poderão tomar parte dela. Os próprios escrutínios possuem essa dinâmica mistagógica. Não é à toa que os iniciandos são despedidos com a exortação “vão em paz, e compareçam ao próximo escrutínio”³². Com isso, espera-se que, do primeiro ao último escrutínio, haja “uma progressão ‘na consciência de pecado e no desejo de salvação’, para, na Vigília Pascal, caminhar ao encontro de Cristo, água viva, luz, ressurreição e vida”³³, através da iniciação sacramental.

João Melo, Jesuíta, especialista em Catequese, graduado em Filosofia e graduando em Teologia (FAJE).

para bem celebrar. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 42.

⁶ RICA, op. cit., n.159.160.167.174.

⁷ Na obra *Itinerário Catequético*: Iniciação a Vida Cristã: um Processo de Inspiração Catecumenal, editada pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética (Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 76) se prevê que essas celebrações sejam apenas para os catecúmenos, mas há propostas estendidas aos catequizandos (cf. NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS – NUCAP. *Celebrações da Iniciação à Vida Cristã*: adultos, jovens e crianças. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 90).

⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Carta circular *Paschalis Sollemnitatis*: a preparação e celebração das festas pascais (16 de janeiro de 1988). In: PRESBITEROS: um site de referência para o clero católico. [São Paulo]: Associação Presbíteros, [2022]. n.10. Disponível em: <https://www.presbiteros.org.br/paschalis-sollemnitatis-a-preparacao-e-celebracao-das-festas-pascais/>. Acesso em: 07 jun. 2021.

⁹ RICA, op. cit., n. 158.

¹⁰ CNBB. *No momento favorável, eu te ouvi, e no dia da salvação, eu te socorri: roteiros homiléticos da Quaresma Ano A*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2008. p.45-47.

¹¹ O RICA possibilita opções de primeira leitura: além de 1Sm16,1b.6-7.10-13a, sugere Êxodo 13,21-22. Também oferta versão mais breve do Evangelho: Jo 9,1.6-9.13-17.34-41 (Cf. RICA, op. cit., 380).

¹² PEREIRA, William Cesar Castillo. *Os setes pecados capitais à luz da psicanálise*. São Paulo: Editora Vozes, 2021. p.178.

¹³ CNBB. op. cit., p. 41.

¹⁴ MICHELETTI, op. cit., p.115.

¹⁵ CNBB. op. cit., p. 42.

¹⁶ RICA, op. cit., n. 169.

¹⁷ Ibid., n. 171.

¹⁸ NUCAP. op. cit., p. 92.

¹⁹ CNBB. “Pelo batismo fomos sepultados na morte do Cristo para ressuscitar com ele a uma vida nova” (cf. Rm 6,4): roteiros homiléticos da Quaresma Ano A - Março/Abril 2011. Brasília: Edições CNBB, 2011. p. 37. Nota de rodapé 14.

²⁰ CNBB. op. cit., 2008, p. 42.

²¹ Ibid., p.39.

²² Ibid., p. 40.

²³ RICA, op. cit., n. 41,4.

²⁴ MICHELETTI, op. cit., p.116.

²⁵ Cf. RICA, n. 169.

²⁶ PARO, op. cit., p. 44.

²⁷ CNBB. op. cit., 2008, p. 43; CNBB. op. cit., 2011, p. 36-37.

²⁸ MICHELETTI, op. cit., p. 119.

²⁹ Ao contrário do que afirmou Domingos Ormonde de que “são considerados exorcismos maiores aqueles realizados no último tempo de preparação, nos escrutínios da quaresma” (ORMONDE, Domingos. Exorcismos, bênçãos e ritos de transição no catecumenato. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 177, p. 15, mai./jun. 2003), o Subsídio Doutrinal da CNBB, n. 9 (*Exorcismos*: reflexões teológicas e orientações pastorais, Brasília, DF, Edições CNBB, 2017), esclarece que “esses exorcismos também podem ser classificados como menores e são realizados no tempo do catecumenato e nos escrutínios de iluminação”.

³⁰ RICA, op. cit., n. 171. Há outro texto sugerido pelo RICA no n. 383.

³¹ PARO, op. cit., p. 44.

³² RICA, op. cit., n. 172.

³³ MICHELETTI, op. cit., p. 116; Cf. RICA, op. cit., n. 157.

¹ *Sacrosanctum Concilium* (SC). In: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. Tradução: Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. n.109.

² Ibid., n.109a.

³ BERGAMINI, Augusto. *Cristo, festa da Igreja: o ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 268.

⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA). 7.ed. São Paulo: Paulus, 2017. n. 21. [Doravante, o documento será citado a partir da sigla RICA].

⁵ MICHELETTI, Guillermo. *Minidicionário da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017. p. 115; PARO, Thiago Faccini. *As celebrações do RICA: conhecer*

CELEBRAÇÃO PENITENCIAL

no tempo da quaresma

PENHA CARPANEDO, PDDM



Esta celebração, inspirada no Ritual da Penitência e organizada nos moldes do Ofício Divino das Comunidades, para além da dimensão moral que sempre existe, visa aprofundar a amizade com Deus retomando as opções fundamentais do batismo. Prepara-nos para renovar as promessas batismais e celebrar com nova alegria a eucaristia pascal.

Pode-se celebrar na comunidade eclesial e também em núcleos menores nas casas e em outros espaços. Prepare-se o local da celebração com a sobriedade própria da quaresma, tendo, em destaque, a cruz e, além dela, um pote com água, a vela que deve ser acesa antes de iniciar a celebração.

1. CHEGADA

Silêncio e oração pessoal. A comunidade canta um refrão meditativo:

**Misericordioso é Deus,
sempre, sempre o cantarei.**

2. ABERTURA

- Vem, ó meu Senhor, vem nos ajudar! (bis)
Vem, não demores mais vem nos libertar! (bis)
- Glória ao Pai e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito. (bis)
- Ao Senhor voltemos, bem de coração! (bis)
Que Ele nos converta pelo seu perdão! (bis)

3. SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

A vida nova nos foi dada no dia do nosso batismo. Cada um, cada uma de nós recebeu o dom dessa vida nova e a faculdade de vivê-la. Um dom que muda radicalmente nossa atitude em relação a todas as coisas. Contudo, imersos em nossas ocupações cotidianas e por conta de nossas fraquezas traímos a vida nova que recebemos como dom. Esquecemo-nos de quem somos, em Cristo, e recaímos nos antigos costumes. A liturgia da Igreja, cujo coração é a Páscoa, nos chama a recobrar a alegria da vida nova. No coração da Vigília Pascal, a Igreja se alegra pela iniciação cristã dos catecúmenos e nos oferece a oportunidade de renovar com novo vigor a nossa adesão a Cristo e ao seu Evangelho. A Quaresma nos prepara para essa renovação na noite da Páscoa. Por isso, nesta celebração, inclinemos o nosso coração diante do “trono da graça”, reconheçamos todas as infidelidades e intensifiquemos nosso desejo de retomar o caminho iniciado no batismo.

Inclinemos a cabeça e oremos em silêncio....

Oração silenciosa...

4. HINO

**Eis o tempo de conversão,
eis o dia da salvação:
ao Pai voltemos, juntos andemos.
Eis o tempo de conversão.**

1. Os caminhos do Senhor
são verdade, são amor.

Dirigi os passos meus:
em vós espero, ó Senhor!
Ele guia ao bom caminho
quem errou e quer voltar.
Ele é bom, fiel e justo:
Ele busca e vem salvar.

2. A Palavra do Senhor
é a luz do meu caminho;
ela é vida, é alegria:
vou guardá-la com carinho.
Sua lei, seu mandamento é viver a caridade:
caminheemos todos juntos,
construindo a unidade.

5. SALMO – 51(50)

As estrofes do salmo podem ser alternadas em dois coros, ou entre um solista e a assembleia. Quem coordena convida à oração com este versículo:

Renovai o vosso espírito e a vossa mentalidade (Efésios 4, 23).

Senhor Deus, misericórdia!

1. Misericórdia de mim, Deus de bondade,
misericórdia por tua compaixão!
Vem me lavar das sujeiras do pecado,
vem me livrar de tamanha perdição!

Reconheço toda a minha maldade,
diante de mim a vastidão de minha ofensa...
Foi contra ti, meu Senhor, o meu pecado,
e pratiquei o que é mal em tua presença!

2. Bem sei da retidão dos teus mandados e da verdade que teu falar propõe, mas te lembras: eu nasci já na maldade e no pecado concebeu-me minha mãe!

Que tu amas a verdade sei e sinto e me ensinas o saber do coração; vem me banhar com tua graça e serei limpo, mais puro que um capucho de algodão!

3. Faz-me escutar uma palavra de alegria e assim contentes vão dançar os ossos meus; a minha culpa apagarás em pleno dia e os meus pecados faz sumir dos olhos teus!

Cria em mim um coração imaculado, não desprezes a poeira que criaste, não me ponhas para fora do teu lado e teu Espírito não se afaste deste traste!

4. Que teu perdão me inunde de alegria e um espírito generoso me sustente; ensinarei aos maus as tuas vias, será imensa a procissão dos penitentes!

Vem me livrar de toda morte violenta e tua justiça, ó meu Senhor, irei gritando; abre meus lábios e esta boca bem atenta, o teu louvor alegremente irá cantando!

5. Pois tu não queres sacrifício nem oferta, meu sacrifício é meu espírito contrito. Um coração que esmagado se converta, tu não desprezas, nem te vai despercebido!

Derrama, enfim, tuas graças em Sião, vem, reconstrói as ruínas do teu povo; aceitarás as oferendas e oblações, receberás em teu altar um culto novo!

6. Louvor a ti, o universo todo adora, tu és a paz, a vida plena e o perdão. Do mundo inteiro vem a prece que te implora, ó vem depressa e dá-nos tua salvação.

Medite no coração as palavras do salmo, repita a que lhe tocou...

6. ORAÇÃO

Pai de ternura e bondade, tua misericórdia se estende de geração em geração! Recebe a confissão de nossas culpas e o nosso desejo de configurar-nos sempre mais à imagem do teu filho. Dá-nos um coração novo para que, renovados na fidelidade aos teus mandamentos, possamos celebrar com alegria a santa Páscoa. A ti a glória pelos séculos. Amém.

6. ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Inclinemos o ouvido do coração para acolher o Evangelho. Atenção, atenção!

8. LEITURA: João 8,1-11

Proclamação do Evangelho segundo João. Naquele tempo: ¹Jesus foi para o monte das Oliveiras. ²De madrugada, voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta dele. Sentando-se, começou a ensiná-los. ³Entretanto, os mestres da Lei e os fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Colocando-a no meio deles, ⁴disseram a Jesus: 'Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. ⁵Moisés na Lei mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes tu?' ⁶Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever com o dedo no chão. ⁷Como persistissem em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e disse: 'Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra.' ⁸E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. ⁹E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos; e Jesus ficou sozinho, com a mulher que estava lá, no meio do povo. ¹⁰Então Jesus se levantou e disse: 'Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?' ¹¹Ela respondeu: 'Ninguém, Senhor.' Então Jesus lhe disse: 'Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais.' *Palavra da Salvação.*

9. MEDITAÇÃO (Santo Ambrósio, bispo e doutor da Igreja, século IV)¹

Os doutores (da lei) e os fariseus trouxeram ao Senhor Jesus uma mulher surpreendida em adultério. E a trouxeram para pôr lhe à prova: de forma que se a absolvía, entraria em conflito com a lei; e se a condenava, teria atraçoada a economia da encarnação, visto que tinha vindo para perdoar os pecados de todos.

Apresentando-a, disseram-lhe: *Surpreendemos a esta mulher em flagrante adultério. A lei de Moisés nos ordena apedrejar as adúlteras: e tu, o que dizes?*

Enquanto diziam isto, Jesus, inclinando-se escrevia com o dedo no chão. E como ficaram esperando uma resposta, ergueu-se e disse: o que está sem pecado, que atire a primeira pedra. Cabe sentença mais divina: que castigue o pecado quem está isento de pecado? Realmente, como poderiam suportar a quem condena os delitos alheios, enquanto defende os próprios? Não se condena mais a si mesmo, quem em outro reprova o que ele mesmo comete?

Disse isto, e continuou escrevendo no chão. O que escrevia? Provavelmente isto: *Porque olhas a palha que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu?* Escrevia no chão com o dedo, com o mesmo dedo que tinha escrito a lei. Os pecadores serão escrito no pó,

os justos no céu, como disse aos discípulos: *Estai alegres porque os vossos nomes estão escritos no céu. Eles, ao ouvi-lo foram retirando-se um a um, começando pelos mais velhos*, e sentando-se, refletiam sobre si mesmos. E Jesus ficou sozinho, e a mulher no meio, de pé. Bem disse o evangelista que foram se retirando, os que não queiram estar com Cristo. Fora está a letra; dentro os mistérios. Os que viviam à sombra da lei, sem poder ver o Sol de justiça, buscavam nas Sagradas Escrituras coisas comparáveis mais às folhas das árvores do que aos seus frutos.

Finalmente, tendo-se retirado os doutores e os fariseus, Jesus ficou sozinho, e a mulher no meio, de pé. Jesus, que se dispunha a perdoar o pecado, fica sozinho, como ele mesmo disse: *Está para chegar a hora, ou melhor, já chegou, em que vos dispersareis cada qual para seu lado, e a mim me deixareis sozinho*. Pois não foi um delegado ou nuncio, mas o Senhor em pessoa, o que salvou o seu povo. Fica só, pois nenhum ser humano pode ter em comum com Cristo o poder de perdoar os pecados. Este poder é exclusivo de Cristo, que tira o pecado do mundo. E certamente mereceu ser absolvida a mulher que – enquanto os judeus se retiravam – ficou sozinha com Jesus.

Erguendo-se Jesus disse a mulher: *Onde estão teus acusadores? Ninguém te apedrejou? Ela respondeu: Ninguém, Senhor. E Jesus disse: Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante, não peques mais*. Observa os mistérios de Deus e a clemência de Cristo. Quando a mulher é acusada, Jesus se inclina; e se levanta quando desaparece o acusador; e isto porque não quer condenar a ninguém, mas absolver a todos. O que significa, pois: *Vai e de agora em diante não peques mais? Isto*: Desde o momento em que Cristo te redimiu, que a graça corrija ao que a punição não conseguiria emendar, mas apenas castigar.

10. ATO PENITENCIAL

Exame de consciência

À luz desta Palavra, inclinemos nosso coração, em silêncio... Cada um, cada uma de nós podemos repassar no coração nossas atitudes:

Como temos cultivado nossa comunhão com Deus, pela oração, pela reverência ao seu nome?

Silêncio...

Como tem sido nossa adesão a Jesus e obediência à sua Palavra...

Silêncio....

Como tem sido nosso cuidado com as pessoas e com os bens da criação...

Silêncio...

Qual tem sido a nossa participação na campanha desta quaresma que tem como tema “Fraternidade e educação”.

Silêncio...

Bênção e aspersão da água

O(a) coordenador(a) se põe de pé diante do recipiente com água e profere a oração:

Ó Deus, fonte da vida, quiseste que, pela água, recebêssemos o batismo que nos consagra a ti. Que esta água seja para todos nós um sinal da tua compaixão e do teu amor que se derrama sobre nós. Por Cristo, nosso Senhor. **Amém.**

Os ministros aspergem a comunidade, enquanto se canta intercalando solo-assembleia:

Lavai-me, Senhor, lavai-me e bem limpo eu vou ficar! (bis)
Senhor, vós me lavareis de tão limpo eu vou brilhar! (bis)

Misericórdia de mim, Deus de bondade, misericórdia, por tua compaixão!
Vem me lavar das sujeiras do pecado, vem me livrar de tamanha perdição!

Reconheço toda minha maldade, diante de mim a vastidão de minha ofensa... Foi contra ti, meu Senhor, o meu pecado, e pratiquei o que é mau em tua presença!

Lavai-me, Senhor, lavai-me e bem limpo eu vou ficar! (bis)
Senhor, vós me lavareis de tão limpo eu vou brilhar! (bis)

Quem preside conclui:

Que o Deus todo-amoroso nos purifique dos nossos pecados e por esta celebração nos conduza à renovação dos sacramentos pascais. **Amém.**

11. ORAÇÃO SOBRE O POVO

Os ministros estendem as mãos sobre a comunidade, orando:

Ó Deus, olha com bondade os teus fieis que imploram a tua misericórdia, para que, confiando em teu amor de Pai, irradiem por toda parte a tua caridade. Por Cristo, nosso Senhor. **Amém.**

A assembleia sai em silêncio

¹ Carta 26,11-20. PL 16, 1.088-1090



Cláudio Pastro

PREPARANDO O DIA DO SENHOR

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

2 de março de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Joel 2,12-18; Salmo 51(50); 2Coríntios 5,20-6,2; Mateus 6,1-6.16-18

O relato do **Evangelho** apresenta o ensino do Mestre Jesus a respeito de dar esmola, orar e jejuar, boas obras a serem praticadas com retidão diante de Deus e não para serem vistas pelas pessoas. A mensagem de Jesus exige um coração verdadeiramente convertido, que manifeste a justiça do Reino pela prática da misericórdia. Dar esmola decorre da fé expressa na solidariedade com os pobres, exigência profética (Dt 15,7-11). Deus age em favor dos desamparados através dos que fazem o bem e abrem as mãos para repartir com generosidade. A oração nasce da confiança em Deus, que conhece as necessidades do ser humano. Jesus ensina a dirigir-se a Deus como Pai, especialmente na oração do Pai-Nosso (6,9-13). A presença do Reinado de Deus em Jesus move a orar com o anseio de ver o mundo conformado ao querer do Pai, onde todos vivam a comunhão fraterna e a partilha. O jejum é um meio de purificação interior, para banir o egoísmo e levar à conversão. Os judeus jejuam de modo especial no Yom Kippur, o dia da expiação. Jesus, diante da questão do jejum de seus discípulos, anuncia o tempo do banquete nupcial messiânico e do vinho novo (Mc 2,18-20). Após o exílio babilônico, a profecia do Terceiro Isaias enfatiza que o jejum agradável a Deus consiste em romper as amarras da injustiça, libertar os oprimidos, repartir o pão com os famintos, hospedar os pobres, vestir os que estão sem roupa (Is 58,5-7). A **leitura do profeta Joel** exorta a viver com autenticidade, a rasgar o coração e não apenas as vestes para voltar ao Deus compassivo e repleto de bondade. O **salmo responsorial** suplica um coração puro para testemunhar o amor misericordioso de Deus. Na **leitura aos Coríntios**, Paulo sublinha que vivemos no tempo favorável, pois a graça de Deus em Cristo se manifestou a toda a humanidade.

2. A palavra na vida

Iniciamos hoje o tempo da Quaresma, no qual intensificamos a oração, o jejum e a caridade como caminho de preparação para celebrar a Páscoa. A experiência da salvação, realizada em Cristo por seu amor compassivo, implica a prática da solidariedade.

3. A palavra na celebração

Vivamos esta quaresma como tempo oportuno de retorno ao primeiro amor e com a alegria do Espírito esperemos a santa páscoa.

1º DOMINGO DA QUARESMA

6 de março de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Deuteronômio 26,4-10; Salmo 91(90); Romanos 10,8-13; Lucas 4,1-13

No **Evangelho**, Jesus age movido pelo Espírito Santo para se manter fiel ao Pai e a seu projeto até a vitória definitiva. Os quarenta dias no deserto evocam a experiência de Moisés e de Elias (Dt 9,9; 1Rs 19,8). Jesus revive o êxodo do povo e enfrenta os desafios, alimentado pela força libertadora da Palavra. Frente à realidade da fome, Jesus retoma a Escritura: Não somente de pão vive o ser humano (Dt 8,3), a fim de despertar a fome de justiça e amor solidário. Diante da proposta usurpadora de domínio sobre todos os reinos do mundo, Jesus convida a servir o Deus verdadeiro: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto (Dt 6,13). O mundo não se humaniza pela força dos poderosos, mas pela ação de Jesus, que está no meio do povo (22,27). A última provação, no ponto mais alto do Templo de Jerusalém, indica que Jesus completará seu êxodo por meio da cruz, ressurreição e ascensão (9,31). Jesus enfrenta o desafio da segurança religiosa sem desviar-se do projeto salvífico, recorrendo à Escritura: Não tentarás o Senhor teu Deus (Dt 6,16). Obediente ao Pai no caminho do serviço e na entrega da vida, Jesus supera as provas, que são símbolos das que enfrentará ao longo de seu ministério. Satanás é o opositor de Deus que voltará no momento oportuno, quando Jesus chegar a Jerusalém para levar a termo sua missão (22,3.53). Assim, o evangelista Lucas convida a dirigir o olhar, desde já, para a centralidade do Mistério Pascal, a vitória da vida sobre os poderes das trevas que atuam na morte do Messias servidor. Na **leitura do Deuteronômio**, o povo professa a fé ao oferecer os primeiros frutos da colheita, renovando a sua adesão ao Senhor que o conduziu à Terra Prometida. O **salmo responsorial** exprime a confiança em Deus, refúgio e proteção em todos os momentos. A **leitura aos Romanos** proclama a salvação de Deus a todos os povos por meio de Jesus, o Senhor ressuscitado dos mortos.

2. A palavra na vida

A nossa caminhada de fé é reafirmada em sucessivas opções por Deus, como as de Jesus, quando resistia às tentações de riqueza, poder e sucesso.

3. A palavra na celebração

Fazendo o memorial da presença do Senhor, somos alimentados e alimentadas para prosseguir o caminho que conduz à vitória definitiva.

2º DOMINGO DA QUARESMA

13 de março de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Gênesis 15,5-12.17-18; Salmo 27(26); Filipenses 3,17-4,1; Lucas 9,28b-36

O **Evangelho** da transfiguração de Jesus refere-se ao caminho da cruz na perspectiva da vitória, como no primeiro anúncio da Paixão e Ressurreição (9,22). Jesus sobe ao monte Tabor com seus discípulos mais próximos: Pedro, João e Tiago. Enquanto orava com intensidade, os discípulos o contemplam transformado pela glória de Deus. A experiência com Jesus transfigurado, antecipação de sua glória pascal, fortalece seus seguidores e seguidoras no caminho do serviço e entrega da vida. Moisés e Elias conversam com Jesus como representantes da Escritura, que tem seu cumprimento no Messias sofredor (24,25-27.44-47). Eles falam do êxodo de Jesus, que será consumado em Jerusalém com a sua morte, ressurreição e ascensão, iniciando a caminhada de libertação definitiva. Os discípulos adormecem, como acontecerá no Getsêmani (22,45), pois só compreenderão o sentido da cruz salvadora iluminados pelo Ressuscitado. Pedro propõe construir uma tenda para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias. Mas, nesse momento, são envolvidos pelo mistério de Deus, a presença divina simbolizada na nuvem. Então, a voz do Pai declara que Jesus é o Filho e o Servo escolhido como no batismo (3,21-22). Jesus se encontra sozinho, enquanto a voz de Deus exorta: Escutai-o. A fidelidade ao projeto de Deus implica seguir Jesus a caminho de Jerusalém (9,51-19,27), onde passará pela cruz como consequência de sua atuação libertadora. Os discípulos e as discípulas permanecem em silêncio na espera da Páscoa, que capacitará a cada qual para o anúncio e o testemunho da Boa-Nova do Reino de Deus. A **leitura de Gênesis** descreve a aliança que Deus realiza com Abraão, prometendo-lhe terra e descendência. O **salmo responsorial** proclama a esperança em Deus, luz e salvação.

2. A palavra na vida

Renovemos nosso compromisso de escutar somente Jesus, comprometidos com a vida digna dos irmãos e das irmãs, desfigurados e desfiguradas pela injustiça e pela opressão.

3. A palavra na celebração

Na celebração, ao tomar parte da mesa do Senhor, alimentando-nos do Pão e do Vinho, Corpo e Sangue dele oferecidos, somos transformados e transformadas em corpo e sangue de Cristo.

3º DOMINGO DA QUARESMA

20 de março de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Êxodo 3,1-8a.13-15; Salmo 103(102); 1 Coríntios 10,1-6.10-12; Lucas 13,1-9

O **Evangelho** ressalta que Deus manifesta sua compaixão em Jesus, mas exige contínua conversão na busca do seu Reinado de justiça e fraternidade. Jesus é sensível ao sofrimento do povo, subjugado pela ocupação imperial romana. Os peregrinos galileus que iam a Jerusalém oferecer sacrifícios foram mortos por Pilatos de forma violenta, suspeitando intenções revolucionárias. A mensagem libertadora de Jesus ensina que as vítimas da repressão política não eram mais pecadoras do que os outros galileus. Jesus corrige a ideia comum, que vinculava as tragédias ao castigo de Deus. A mudança de mentalidade é proposta também ao dizer que as dezoito vítimas do desabamento da torre de Siloé não eram mais culpadas do que todos os habitantes de Jerusalém. Todos necessitam de conversão (13,3.5), a fim de participar do dom gratuito da salvação. O agir compassivo de Jesus insiste na necessidade e urgência de voltar-se para Deus, como caminho que assegura o triunfo da luz sobre as trevas e da vida sobre a morte. A parábola da figueira (13,6-9) sublinha a paciência de Deus que, como à árvore, oferece o tempo necessário para dar frutos, acolhendo a fecundidade de sua Palavra. Deus cuida de sua vinha (Is 5,1-7), pois não quer que ninguém se perca, mas que todos alcancem a conversão (2Pd 3,9). Na **leitura do Êxodo**, o Deus dos pais, que se manifesta a Moisés no Sinai, vê a aflição dos oprimidos, ouve o seu clamor e torna-se presença libertadora. O **salmo responsorial** bendiz o Senhor, cuja benevolência nos salva e cumula de benefícios. A **leitura aos Coríntios** evoca o êxodo e mostra que a nuvem e o mar prefiguram o batismo, e que o Rochedo é imagem do Cristo.

2. A palavra na vida

O caminho de seguimento a Jesus implica conversão, a fim de produzir frutos que contribuam na construção de um mundo mais justo e solidário. A fidelidade à missão leva a purificar o coração de tudo o que não condiz com a compaixão de Deus, presente em Jesus.

3. A palavra na celebração

Nesta celebração acolhemos com alegria a revelação que Jesus nos faz de Deus, paciente conosco em seu amor e pegamos a graça de corresponder com amor filial à sua misericórdia.



Cláudio Pasto

PREPARANDO O DIA DO SENHOR

4º DOMINGO DA QUARESMA

27 de março de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Josué 5,9a.10-12; Salmo 34(33); 2Coríntios 5,17-21; Lucas 15,1-3.11-32

No **Evangelho**, a parábola do Pai misericordioso com seus dois filhos é a Boa-Nova que Deus anuncia a toda humanidade por meio de Jesus. Essa parábola, como as duas anteriores (15,3-10), é introduzida pela cena dos coletores de impostos e pecadores que se aproximam para ouvir Jesus, o qual acolhe a todos sem discriminação. O filho mais jovem procura a autonomia e a independência familiar, mas o empobrecimento e a fome levam à escravidão e a viver no meio de porcos, animais impuros. Ele decide ir procurar o pai a partir da própria miséria, com a intenção de ser tratado como um simples assalariado. Movido de compaixão, o pai vai ao encontro do filho, acolhe-o sem reservas e o reintegra plenamente. A túnica cerimonial, o anel, as sandálias manifestam o status de pessoas livres. A carne, que só era comida raramente, e as músicas e cânticos festivos assinalam que o pai organiza uma festa para todos, “porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado”. O pai manifesta o amor e a bondade acolhedora de Deus também ao filho mais velho. A insistência do pai para o filho entrar revela seu desejo mais profundo de ver seus filhos e filhas sentados e sentadas à mesma mesa, compartilhando o alegre banquete do Reino. O filho mais velho nunca abandonou o pai, porém é incapaz de ser misericordioso. “Você está sempre comigo, mas era preciso festejar e se alegrar porque esse seu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado”. A **leitura de Josué** destaca que os israelitas celebram a festa dos Pães sem Fermento, a Páscoa, com os grãos novos da Terra Prometida. O **salmo responsorial** engrandece o Senhor pela sua presença de bondade. A **leitura aos Coríntios** proclama que, em Cristo, somos criaturas novas e reconciliadas com Deus.

2. A palavra na vida

O Pai manifesta o amor sem medida de Deus, mas o filho mais velho rejeita participar desse amor; advertência a superar o que impede de viver fraternalmente como irmãos e irmãs.

3. A palavra na celebração

Neste quarto domingo da Quaresma ressoa o convite de participarmos da alegria do Pai que, por meio de Jesus Cristo, acolhe e salva os pecadores.

5º DOMINGO DA QUARESMA

3 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Isaías 43,16-21; Salmo 126(125); Filipenses 3,8-14; João 8,1-11

No **Evangelho**, o relato da mulher surpreendida em adultério revela que Deus envia seu Filho ao mundo para salvar, não para julgar e condenar (3,17). A mulher é trazida por escribas e fariseus até o Mestre Jesus, que sentado ensinava o povo no Templo de Jerusalém. O homem podia ter mais de uma mulher e o adultério consistia na infidelidade da mulher casada. A Lei prescrevia o apedrejamento da mulher, mas também do homem (Lv 20,10; Dt 22,22). No entanto, somente a mulher é trazida até Jesus, como na história de Suzana, acusada falsamente de adultério (Dn 13). Se Jesus dissesse que a Lei fosse cumprida contradiria sua prática de acolhida e perdão; se dissesse que a Lei não fosse cumprida seria acusado de menosprezá-la. Jesus começou a escrever na terra com o dedo *e, como continuassem a interrogá-lo, desafia seus interlocutores*: Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra. A questão é devolvida aos que armaram a cilada, como em Mc 12,13-17. Enquanto Jesus escrevia novamente na terra, aqueles que tinham trazido a mulher iam saindo. *Todos são pecadores, necessitados de conversão para experimentar a misericórdia e o perdão de Deus*. O gesto de escrever remete a Ex 24,12; 31,18; 34,1 e apresenta Jesus como o Mestre e Senhor que plenifica a Lei, de modo que quem olha uma mulher desejando-a já cometeu adultério em seu coração (Mt 5,27-28). *Jesus termina a sós com a mulher, acolhendo-a com ternura e abrindo-lhe o caminho da vida nova que liberta do pecado*. A **profecia do Segundo Isaías** acentua que Deus faz novas todas as coisas e reconduz os exilados, para que proclamem a libertação, como no êxodo. Paulo, na **leitura aos Filipenses**, testemunha a experiência de despojamento no caminho da conformação a Jesus Cristo em sua morte, para alcançar, com ele, a ressurreição.

2. A palavra na vida

Em meio a uma sociedade que continua a transformar as pessoas mais frágeis em objeto, o ensino de Jesus resgata a dignidade da mulher e propõe a convivência justa, o respeito e a fraternidade entre os seres humanos.

3. A palavra na celebração

A Eucaristia é sacramento de unidade, de comunhão. Para entrar na sua proposta, somos convidados a tomar parte, com nossas mãos repletas de frutos, de uma vida pautada pelo dinamismo do amor solidário.

DOMINGO DE RAMOS DA PAIXÃO DO SENHOR

10 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Lucas 19,28-40 (bênção de ramos); Isaías 50,4-7; Salmo 22(21); Filipenses 2,6-11; Lucas 22,14-23,56

Na **entrada em Jerusalém**, Jesus, montado num jumentinho (Zc 9,9), não em cavalo de guerra como um rei poderoso, revela que é o Enviado de Deus para exercer a realeza pela prática da solidariedade. Boa Notícia para os pobres (4,18), Jesus é acolhido com esperança pelo povo simples que estendia seus mantos no caminho. Os discípulos e discípulas aclamam Jesus como o Bendito que em nome do Senhor vem realizar seu projeto redentor de paz, mas os poderosos não o reconhecem, nem escutam o testemunho dos pequenos. No **relato da paixão e morte** (22,14-23,56), Jesus celebra a ceia de Páscoa, parte o pão como dom de sua vida e passa o cálice da nova aliança, sinal da plenitude do amor e fidelidade entre Deus e a humanidade. Jesus está no meio servindo e, no Jardim das Oliveiras, orava angustiado. Diante do poder das trevas, Pedro quer se servir da espada para defendê-lo, mas o Mestre ensina a resistir à violência do exército imperial através da paz libertadora. Conduzido ao Sinédrio, Jesus é interrogado sobre sua identidade como o Cristo, o Filho de Deus. Herodes e Pilatos tornam-se amigos à custa de Jesus, cujo silêncio lembra o Servo Sofredor (Is 53,7). Pilatos entrega Jesus, o justo, para ser crucificado, pois a liderança popular dele era vista como ameaça pelos poderosos. A inscrição na cruz acentua que Jesus de Nazaré é o Rei dos Judeus. O forte grito de Jesus, ao entregar o espírito nas mãos do Pai, mostra que a cruz é consequência de sua atuação misericordiosa, que proporciona a fraternidade entre os povos como nova criação. A **profecia do Segundo Isaías** descreve a missão do Servo, discípulo fiel à Palavra do Senhor em meio às perseguições. No **salmo responsorial**, o justo sofredor reza confiante como Jesus na cruz (Mc 15,34).

2. A palavra na vida

Diante do sofrimento do Justo, somos chamados e chamadas a ter a mesma atitude solidária de Simão de Cirene, ajudando Jesus a levar a cruz, e das mulheres que choram e acompanham seus passos.

3. A palavra na celebração

A Eucaristia é a doação que Jesus faz de si mesmo, revelando-nos o amor infinito de Deus para cada ser humano. Neste sacramento admirável, manifesta-se o amor maior: o amor que leva a “dar a vida pelos amigos”.

A CEIA DO SENHOR

14 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Êxodo 12,1-8.11-14; Salmo 116(115); 1 Coríntios 11,23-26; João 13,1-15

O **Evangelho** proclama a chegada da hora de Jesus passar deste mundo ao Pai, sua Páscoa, que leva a termo a obra libertadora pelo amor oblativo até o fim. Durante a ceia de despedida, quando todos estão reclinados à mesa ao modo oriental, Jesus se despoja de seu manto, cinge-se com a toalha de escravo e começa a lavar e a enxugar os pés dos discípulos e discípulas. O gesto simbólico de Jesus manifesta sua doação, como Servo fiel ao Pai e seu projeto de vida em abundância para a humanidade. O diálogo entre Jesus e Simão Pedro mostra que os discípulos ainda não compreendem a atuação do Mestre, que propõe um modo de viver na comunhão e fraternidade diante da desigualdade e dominação. A ressurreição de Jesus é a chave para entender o significado de sua missão a serviço da vida e dignidade das pessoas. O discipulado exige deixar-se lavar os pés para ter parte com Jesus, quer dizer, participar na salvação que ele oferece em sua entrega amorosa. A despedida de Jesus (caps. 13-17), ao começar com o gesto do lava-pés em vez de narrar a bênção sobre o pão e o vinho, enfatiza seu exemplo a ser imitado. “Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam do modo como eu fiz”. Por isso, o serviço aos irmãos é memorial da vida e missão de Jesus, Mestre e Senhor. O mandamento novo: “Assim como eu amei vocês, que vocês se amem uns aos outros” (13,34) completa o gesto de lavar os pés, formando a herança que Jesus deixa para o seguimento e o testemunho. A **leitura do Êxodo** recorda a Páscoa, antiga festa dos pastores unida à festa dos pães ázimos, que celebra a libertação da escravidão na espera da realização plena da salvação. O **salmo responsorial** agradece a libertação, erguendo o cálice da bênção, comprometidos com Cristo (1Cor 10,16). A **leitura aos Coríntios** proclama a ação de graças de Jesus sobre o pão e o vinho, instituindo o memorial de sua própria vida doada pela salvação de todos.

2. A palavra na vida

No início do tríduo pascal, a Palavra convida a assumir na fé e na prática da vida o exemplo de Jesus, servo obediente até o extremo da cruz.

3. A palavra na celebração

A celebração Eucarística nos ajuda a discernir, a presença pascal de Cristo em nossa vida pessoal.



PREPARANDO O DIA DO SENHOR

PAIXÃO DO SENHOR

15 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Isaías 52,13–53,12; Salmo 31(30); Hebreus 4,14-16; 5,7-9; João 18,1–19,42

O **Evangelho** é o relato da Paixão de Jesus, que enfrenta o extremo sofrimento infligido pela injustiça do mundo com a força vencedora do amor de Deus. A cena no jardim evoca Gn 3 e destaca a soberania de Jesus, o qual entrega a vida livremente (10,17-18) para a libertação plena do ser humano. Jesus Nazareno manifesta a presença de Deus como no êxodo, “Sou eu” (Ex 3,14), a ponto de os soldados que o procuravam caírem por terra. Ele revelou sua identidade como o Cristo, o Filho de Deus, especialmente em 10,24-38, de modo que agora é interrogado pelo sumo sacerdote a respeito de seu ensinamento e sobre os discípulos. Da casa de Caifás, Jesus é conduzido ao pretório e entregue a Pilatos como Rei dos Judeus. Mas Jesus explica que seu Reino não é deste mundo, ou seja, regido pelos princípios do Império Romano, representado por Pilatos. Enviado para testemunhar a Verdade, que é ele mesmo (14,6), Jesus exerce a realeza como o Bom Pastor que dá a vida pelas ovelhas (10,11.18). Pilatos, procurador romano da Judeia entre 26 e 36 d.C., não tem compromisso com a verdade e entrega Jesus para ser crucificado com a coroa de espinhos. Mas o Crucificado é o Filho exaltado que carrega a própria cruz, solidário com os injustiçados. As testemunhas fiéis junto à cruz e as palavras de Jesus confirmam a missão da comunidade no cuidado de sua memória. Do lado aberto de Jesus saiu o sangue da vida doada e a água da salvação. A **profecia do Segundo Isaías**, sobre a morte do justo pela prática da solidariedade, realiza-se plenamente na vida de Jesus. O **salmo responsorial**: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito”, expressa a experiência do Servo Jesus na cruz (Lc 23,46). A **leitura aos Hebreus** sublinha que Jesus manifesta a salvação em meio à desolação humana, fiel ao projeto de Deus.

2. A palavra na vida

A memória da Paixão e morte de Jesus, renova em nós a esperança de vencer as trevas em meio à escuridão do nosso mundo.

3. A palavra na celebração

Em silenciosa adoração contemplamos o mistério da salvação, no lenho cruz, cantando: “Adoramos, Senhor, vosso madeiro, vossa ressurreição nós celebramos. Veio alegria para o mundo inteiro por esta cruz que hoje veneramos”.

VIGÍLIA PASCAL

16 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Gênesis 1,1–2,2; Salmo 104(103); Gênesis 22,1-18; Salmo 16(15); Êxodo 14,15–15,1; Cântico (Ex 15); Isaías 54,5-14; Salmo 30(29); Isaías 55,1-11; Cântico (Is 12,2-6); Baruc 3,9-15.32–4,4; Salmo 19(18); Ezequiel 36,16-28; Salmo 42(41); Romanos 6,3-11; Lucas 24,1-12

O **Evangelho** pascal anuncia a ressurreição de Jesus Cristo. As mulheres discípulas foram ao sepulcro na madrugada do primeiro dia da semana, com os aromas para completar o sepultamento digno de Jesus. Porém, encontram a pedra removida e o sepulcro vazio, sem o corpo do Senhor Jesus. Os mensageiros de Deus, duas testemunhas, como a praxe jurídica prescreve, anunciam a vitória da vida sobre o poder das trevas. “Por que vocês procuram o Vivente entre os mortos? Ele não está aqui. Ressuscitou!” Os anjos lembram que Jesus, o Servo Sofredor, havia anunciado sua morte e ressurreição (9,22.44; 18,31-33). A obra salvadora de Deus, que se manifestou na ressurreição de Jesus, plenifica de alegria e confiança as discípulas fiéis desde a Galileia (8,1-3). Elas acolhem as palavras e gestos do Mestre como memorial de libertação e se tornam as primeiras proclamadoras da fé pascal. Diante do Mistério Pascal, a experiência leva ao anúncio de que Cristo vive e revela a vida nova recriada pelo Espírito de Deus, que o ressuscitou dos mortos. As leituras impregnam a memória com a história da salvação, plenificada na vida, morte e ressurreição de Jesus. **Gn 1,1–2,2:** A luz transforma as trevas e o Criador viu que toda a sua obra era boa. **Gn 22,1-18:** O sacrifício de Abraão é o início da vocação universal à salvação. **Ex 14,15–15,1:** Noite pascal da libertação do Egito e da passagem pelo Mar Vermelho. **Is 54,5-14:** Renovação das núpcias do Senhor com seu povo. **Is 55,1-11:** Convite para o banquete da salvação. **Br 3,9-15.32–4,4:** Voltar a Deus, a fonte de sabedoria. **Ez 36,16-28:** Um coração novo, transformado pela água e pelo Espírito. **Rm 6,3-11:** Participação na morte e ressurreição de Cristo pelo batismo.

2. A palavra na vida

A Palavra desta noite pascal exalta a presença de Deus, que guia o povo ao longo da história e realiza a nova criação por meio da ressurreição de Cristo.

3. A palavra na celebração

Nesta vigília pascal, escutando Deus que nos fala por sua palavra, respondemos por nossas aclamações e orações.

Neusa Bresiani é discípula do Divino Mestre, tem especialização em liturgia, é membro da Rede Celebra e contribui no serviço da formação litúrgica nas comunidades.

Helena Ghiggi é discípula do Divino Mestre, mestra em Bíblia e assessora cursos de formação bíblica.

DOMINGO DA RESSURREIÇÃO

17 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Atos 10,34a.37-43; Salmo 118(117); Colossenses 3,1-4; João 20,1-9; Lucas 24,13-35 (à tarde)

No **Evangelho de João**, Maria de Magdala busca o Crucificado no meio das trevas, “quando ainda estava escuro”. Ao encontrar a pedra removida e o sepulcro vazio, ela repete três vezes: “Tiraram o Senhor do sepulcro” (20,2.13.15). Pedro e o Discípulo Amado correm juntos, mas aquele que estava mais próximo de Jesus na Ceia (13,25) manifesta seu amor exemplar e chega ao sepulcro primeiro. A ressurreição de Jesus é a vitória definitiva da vida sobre a morte, de modo que o Senhor não precisa mais do sudário e dos panos de linho deixados no sepulcro. A profissão de fé antiga em 1Cor 15,4 proclama que a ressurreição de Cristo cumpre as Escrituras. O Discípulo Amado testemunha a ressurreição de Jesus: “viu e acreditou”. A luz da alvorada no primeiro dia da semana começa a resplandecer. Maria de Magdala chorava junto ao sepulcro, mas é consolada pelo Mestre que a chama pelo nome, como o pastor às ovelhas (10,3). O encontro com o Ressuscitado transforma Maria de Magdala em Apóstola dos Apóstolos no anúncio e testemunho de sua ressurreição aos discípulos: “Vi o Senhor” (20,11-18). No **Evangelho de Lucas**, o Ressuscitado caminha com os discípulos de Emaús e faz compreender o sentido pleno das Escrituras na vida doada pelo Cristo, o Servo sofredor exaltado. Os discípulos reconhecem que Jesus vive e permanece conosco, de modo especial quando multiplicam seu gesto, partindo o pão na comunidade cristã. A **leitura dos Atos** testemunha que Jesus de Nazaré, crucificado como consequência de sua atuação libertadora, foi ressuscitado por Deus e constituído Senhor dos vivos e dos mortos. A **leitura aos Colossenses** indica o caminho para viver em comunhão com o Ressuscitado, comprometidos em buscar as coisas do alto, o seu projeto.

2. A palavra na vida

Em meio a uma sociedade marcada pela morte, somos interpelados e interpeladas a testemunhar a ressurreição de Jesus pela escuta da Palavra e pelo amor fraterno.

3. A palavra na celebração

Neste dia de solene ação de graças e professando nossa fé na Páscoa do Senhor, renovemos nossa confiança no Senhor que tirou Jesus do túmulo, e nos faz passar da morte à vida.

2º DOMINGO DA PÁSCOA

24 de abril de 2022

1. Aprofundando os textos bíblicos: Atos 5,12-16; Salmo 118(117); Apocalipse 1,9-13.17-19; João 20,19-31

O **Evangelho** apresenta a comunidade dos discípulos e discípulas, reunida no primeiro dia da semana, o domingo da ressurreição. A presença de Jesus no meio da comunidade, na posição de ressuscitado, encoraja a continuar a missão libertadora com esperança. O Ressuscitado oferece a verdadeira paz como dom pascal, visto que o mundo, o império, é incapaz de dá-la (14,27). A paz do Ressuscitado é dom e missão, como enfatiza a saudação pascal: “A paz esteja com vocês” (20,19.21.26). As mãos e o lado de Jesus ressuscitado trazem as marcas da crucifixão, sinal de fidelidade ao projeto do Pai. Os discípulos se alegram ao ver o Senhor, reconhecendo a força da vida que vence a opressão e a morte. Jesus, que fora enviado pelo Pai, envia seus discípulos e sopra sobre eles o Espírito Santo. A vida nova qual nova criação é proporcionada pelo sopro do Ressuscitado, lembrando o sopro de Deus que tornou vivente o ser humano modelado da terra (Gn 2,7). Guiados pela ação do Espírito, os discípulos estabelecem formas de convivência que libertam do pecado pela misericórdia, pela comunhão fraterna e pelo perdão. Tomé, um dos Doze, não estava com os outros discípulos que testemunham o encontro com o Ressuscitado: “Vimos o Senhor”. Ele representa a comunidade, cujo itinerário de fé culmina no reconhecimento de Jesus crucificado/exaltado como Senhor e Deus. “Felizes os que não viram e acreditaram”, aderindo a Jesus como o Cristo, o Filho de Deus, para ter vida plena em seu nome. A **leitura dos Atos** sublinha que a comunidade cristã primitiva suscitava admiração por causa da união fraterna, acompanhada de ações de cura e libertação. O **salmo responsorial** agradece ao Senhor, pois a pedra rejeitada tornou-se a pedra angular. A **leitura do Apocalipse** proclama que Jesus é o Vivente que infunde confiança à comunidade, que celebra a sua ressurreição no “Dia do Senhor”, o domingo.

2. A palavra na vida

Como as comunidades primitivas, o memorial da Páscoa de Jesus, no “Dia do Senhor”, mantém viva em nós a vida nova que recebemos no batismo.

3. A palavra na celebração

Celebrando o mistério pascal de Cristo, alimentados e alimentadas do pão e do vinho, na escuta de sua Palavra somos renovados e renovadas em nossa fé em Jesus, o crucificado-ressuscitado.

De máxima importância é a celebração da Eucaristia na Igreja particular. O bispo diocesano, principal dispenseiro dos mistérios de Deus na Igreja particular a ele confiada, é o moderador, o promotor e guarda de toda a vida litúrgica. Nas celebrações que se realizam sob a sua presidência, sobretudo na celebração eucarística realizada por ele, com a participação do presbitério, dos diáconos e do povo, manifesta-se o mistério da igreja. Por isso, tais celebrações da missa devem ser tidas como modelares para toda a diocese. É, pois, seu dever esforçar-se para que os presbíteros, os diáconos e os fiéis cristãos leigos compreendam sempre mais profundamente o sentido autêntico dos ritos e dos textos litúrgicos e assim sejam levados a uma celebração ativa e frutuosa da Eucaristia. Com a mesma finalidade cuide que cresça sempre a dignidade das próprias celebrações, para cuja promoção muito contribui a beleza do espaço sagrado, da música e da arte.

Instrução Geral do Missal Romano, n. 22